

entre vestígios e futuros

ENTRE VESTÍGIOS E FUTUROS

26.09 —
31.10.2026

CURADORIA
PRISCYLA GOMES

ANA PAULA SIRINO
CAMILA LEITE
CAROLINA COLICHIO
CHRISTINA TSANTEKIDOU
DAVID ALMEIDA
ERICA FERRARI
GABRIELA STRAGLIOTTO
GIULIA BIANCHI
GUÁ ARQUITETURA
HENRIQUE DETOMI
JULIA PEREIRA

KAYA AGARI
LUCAS SIMÕES
LUIZ MARTINS
MANO PENALVA
MATHEUS LESTON
MAURICIO ADINOLFI
MAURICIO PARRA
NARA GUICHON
OKSANA RUDKO
RAFAEL VIEIRA
TIAGO SANT'ANA

ENTRE VESTÍGIOS E FUTUROS

Há marcas que persistem mesmo quando aquilo que lhes deu origem já não está presente. Uma pegada no chão, um risco sobre uma superfície, um gesto repetido por outro corpo ou uma imagem que atravessa o tempo. São vestígios que tornam sensível a distância entre presença e ausência.

A palavra provém do latim *vestigium*, designa o rastro deixado pela planta do pé no solo depois da passagem do corpo. Já na sua origem o termo guarda uma duplicidade fundamental. Nomeia ao mesmo tempo uma ausência e uma prova, o que se foi e o que insiste em ficar impresso. É dessa tensão entre o que já não está e o que permanece que a exposição *Entre vestígios e futuros* se constrói.

O vestígio não é matéria inerte. Sua existência depende da possibilidade de ser reconhecido, retomado e colocado novamente em circulação. Funciona como brasa sob a cinza, capaz de voltar a arder quando algo a reativa. Aby Warburg ^[1] fez dessa persistência um dos problemas centrais de sua investigação ao pensar na sobrevivência das formas. Para o historiador, um gesto antigo pode atravessar séculos e reaparecer, quase sem aviso, num corpo, num tecido, numa imagem contemporânea, carregando consigo uma intensidade afetiva que sobrevive às circunstâncias que originalmente a produziram. Georges Didi-Huberman ^[2]

retomou essa questão décadas depois para pensar a imagem como forma atravessada por tempos heterogêneos. Ela vive além de seu tempo de origem e, ao sobreviver, perturba a estabilidade do presente.

É justamente porque sobrevive ao tempo que o produziu que o vestígio pode se voltar para o futuro. Chega como marca, fragmento ou forma deslocada de sua circunstância original e, por isso mesmo, permanece disponível a outras leituras e usos. O futuro não começa, então, onde o passado e o presente terminam. Produz-se também no modo como aquilo que herdamos é retomado, transformado e transmitido sob novas condições.

Essa abertura não se confunde, na exposição, com uma aposta exclusiva nas novas tecnologias. Elas aparecem na criação imagética de realidades ficcionais e nas recriações possibilitadas pelo uso da inteligência artificial, mas constituem uma das formas pelas quais os trabalhos interrogam o que ainda pode vir a ser. Muitas das produções elencadas deslocam a questão para os hibridismos entre espécies, para os processos extrativistas inscritos nos territórios e para as possibilidades de agir sobre aquilo que deles permanece. Materiais reaproveitados, saberes artesanais assentados em outras relações com uso, duração e descarte propõem formas de viver com o que já existe.

A mostra nasce da aproximação entre os processos, interlocuções e trabalhos desenvolvidos no Programa de Residência LAB MR e a produção de um conjunto expressivo de artistas convidados. Não é uma unidade temática que os reúne, mas a recorrência de certas perguntas. Elas dizem respeito aos modos como o tempo se inscreve na matéria, no território e nas imagens, a como um saber atravessa gerações, ao que permanece depois de uma transformação e às maneiras pelas quais aquilo que nos foi legado pode ser novamente mobilizado. É nesse campo que aparecem o tempo geológico inscrito no solo urbano, os territórios remodelados pela exploração industrial e os ofícios que insistem em habitá-los, os saberes ancestrais

e a cultura popular transmitidos pelo corpo e pela oralidade, a paisagem doméstica como instância de memória e afeto, os materiais reaproveitados e reconfigurados em outras estruturas. Em várias obras, a fabulação participa diretamente desse movimento por meio de arqueologias ficcionais que não pretendem recompor um passado verificável, mas inventam formas possíveis a partir de fragmentos, lacunas e sobrevivências. São modos distintos de enfrentar uma mesma pergunta sobre o que ainda pode ser produzido a partir daquilo que herdamos.

Atuar entre vestígios e futuros, nos termos que orientam esta mostra, é reconhecer no legado forças ainda não esgotadas e saberes que permanecem fecundos. Romper com o que veio antes seria abrir mão dessas reservas de sentido, ainda latentes, ainda disponíveis. O que foi vivido, silenciado ou interrompido volta a emergir como matéria de invenção, capaz de rearticular de memórias coletivas a narrativas historicamente subalternizadas para abrir outros horizontes. É desse rastro que os trabalhos reunidos nesta exposição se alimentam. Movem-se por um passado que permanece aberto à revisão e, nesse percurso, abrem uma fresta por onde o futuro ainda pode entrar.

[1] historiador da arte alemão.

[2] filósofo e historiador da arte francês.

PRISCYLA GOMES

Curadora

ana paula sirino



[Sabinópolis, MG, 1997]

Vive e trabalha em São Paulo. Artista visual autodidata, investiga a luz como matéria e linguagem na pintura a óleo e na fotografia. Crescida no quilombo Torra, em Minas Gerais, desenvolve uma prática atravessada pelas experiências afrodiaspóricas e pela observação do cotidiano rural, interessando-se pela forma como a luz estrutura memórias, afetos e modos de permanência. A partir de um arquivo pessoal construído na intimidade com amigos e familiares, cria pinturas e fotografias que transitam entre figuração e atmosfera, reorganizando formas, cores e luminosidades para expandir a experiência da lembrança. Sua pesquisa afirma a beleza presente nas vidas quilombolas contemporâneas, compreendendo a imagem como espaço de continuidade, reinvenção e pertencimento. Participou de *Imaginação Radical: 100 anos de Frantz Fanon* (Museu das Favelas, São Paulo, 2026), *Carolinas* (Caixa Cultural, São Paulo, 2025) e *Dos Brasis* (Sesc Belenzinho, São Paulo, 2023). Em 2022 realizou sua primeira individual, *Nos Olhos do Começo* (Galeria Rodrigo Ratton, Belo Horizonte).



Aulas de equilibrio
2026
óleo sobre tela
40 × 30 cm



Clarice
2026
óleo sobre tela
40 x 30 cm



Urucum tombado
2026
óleo sobre tela
100 × 100 cm



Vestígios
2026
óleo sobre tela
30 x 40 cm

camila leite



[São Paulo, SP, 1983]

Vive e trabalha em São Paulo. Formada em Comunicação Social, utiliza a técnica do bordado como linguagem, criando texturas e contornos em composições abstratas. Em suas obras, emprega materiais antigos e doados por confecções, fazendo alusão às colchas de retalhos. Tendo o bordado na vida desde muito cedo, aprendeu com a avó ainda na infância; foi na fase adulta, porém, que a prática se tornou obsessão, rompendo com as técnicas tradicionais para criar algo autoral e sem amarras. Sua prática parte de uma escuta do trabalho, na qual mistura diversas técnicas de bordado, pontos e tecidos que se entrelaçam formando unidades microscópicas e corpos que representam a vida.



2 kms de nós fora de mim
da série 170 horas depois
2025
linha de barbante de algodão
e miçangas bordadas
55 x 40 cm



foto GRUTA

Fechamento de um ciclo
2025
colagem de restos de linha de
lã e algodão
150 x 40 cm



vista 1

2025

acrílico, linhas de lã e algodão
bordadas sobre tecido

137 × 94 cm

carolina colichio



[Ribeirão Preto, SP, 1977]

Vive e trabalha em São Paulo. Sua produção em pintura, escultura e instalação parte de uma escuta atenta da matéria e da observação cotidiana para propor arqueologias ficcionais que entrelaçam passado, presente e futuro. Colichio cria seres híbridos, habitantes das zonas de fusão entre o orgânico e o mineral, como se brotassem de fluxos geológicos ancestrais. Suas experimentações com aquarela, cerâmica, porcelana, esmaltes e cera de abelha revelam um interesse por formas porosas e vivas, nutridas por ventos, águas e minerais. Convidando-nos a escutar o mundo como quem escuta o vento, suas obras revelam ressonâncias de seres que existiram antes de nós e seguem ensinando modos de viver em relação. Formada em comunicação social pela Universidade Mackenzie, destacam-se as individuais *Cavalinhas e falésias* (Galeria Marília Razuk, São Paulo, 2026) e *Substrato* (Casa de Cultura do Parque, São Paulo, 2025), a XXII Bienal Internacional de Arte de Cerveira (Portugal, 2022) e a premiação no 19º Salão de Artes Visuais de Ubatuba (2022).



Espécie 2
da série Companheiras
2025
cerâmica, esmaltes de
alta temperatura e ferro
107 x 24 x 27 cm



Espécie 3
da série Companheiras
2025
cerâmica, esmaltes de
alta temperatura e ferro
111 x 23 x 23 cm



Espécie 4
da série Companheiras
2025
cerâmica, esmaltes de
alta temperatura e ferro
143 x 18 x 18 cm



Garoa III
da série *Viajantes*
2025
porcelana e encáustica
sobre madeira
30 x 20 x 8 cm



Sopro III
da série Substrato
2025
cerâmica, porcelana e
esmaltes de alta temperatura
77 × 36 × 26 cm



Sopro IX
da série Substrato
2025
cerâmica e esmaltes
de alta temperatura
26 x 42 x 40 cm



Trança
2024
cerâmica, esmalte de
alta temperatura e ferro
43 × 15 × 17 cm



Ventania I
da série Viajantes
2025
porcelana e encáustica
sobre madeira
30 x 19,5 x 5 cm

christina tsantekidou



[Yekaterinburg, Rússia, 1987]

Vive e trabalha em São Paulo desde 2023. Artista multidisciplinar autodidata da diáspora grega, sua prática investiga migração, deslocamento, pertencimento, memória e identidade por meio da instalação, escultura, pintura, som e pesquisa material. Em seu trabalho, utiliza frequentemente materiais como terra, argila, grãos e outros elementos orgânicos, explorando suas relações com território, memória e transformação.



*Sonhos da Natureza: a Terra
e os Vestígios Filosóficos*
2026
solo, óleo e acrílica
sobre papel
99 x 70 cm

david almeida



[Brasília, DF, 1989]

Vive e trabalha em São Paulo. Sua pesquisa se desenvolve em torno da experimentação pictórica em diversos meios e suportes, como tela, linho, madeira, cerâmica e gravura, tendo como eixo principal as problemáticas do espaço e do corpo em percurso, explorando a visualidade do território íntimo, da cidade e da paisagem regional brasileira. No espaço pictórico, investiga os limites entre a paisagem do campo e o imaginário, ora enfatizando a densidade dos materiais em obras figurativas ou pendendo para a abstração, ora deslocando elementos naturais em telas de tom metafísico e espiritual. Almeida engendra os conceitos de memória, corpo, fantasmagoria e percepção óptica, criando telas nas quais o íntimo de uma cultura ou povo se manifesta de forma sutil na paisagem: a densidade de uma noite pintada está intimamente relacionada com o processo oblíquo de construí-la na imagem. Entre suas principais individuais estão *Devagar com o andor que o santo é de barro* (Museu da Inconfidência, Ouro Preto, 2026), *Paisagens da Imprecisão* (Cerrado Galeria, Brasília, 2025), *Vigília* (Millan, São Paulo, 2024) e *Arriba do Chão* (Millan, São Paulo, 2022). Indicado ao Prêmio PIPA em 2022, recebeu o primeiro lugar no I Prêmio Vera Brant de Arte Contemporânea (2016).



Rechamada
2023
óleo sobre madeira
18 x 25 cm



Sem título

2024

óleo sobre madeira preparada
com bolo armênio

24,3 × 29,6 cm



Um dia e meio
2023
óleo sobre madeira
18 × 25 cm



Tomba pra Esquerda
2025
óleo sobre madeira
17,5 × 26,5 cm

erica ferrari



[São Paulo, SP, 1981]

Vive e trabalha em São Paulo. Artista visual, pesquisadora e docente, é doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), mestre e bacharel pela Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade (ECA USP). Com produção voltada à escultura e à instalação, participou de exposições no Brasil, nos Estados Unidos e em diversos países da Europa, com extensa e premiada atividade. Atualmente é professora doutora na cadeira de escultura no Instituto de Artes da Unicamp. Sua pesquisa investiga as relações entre espaço urbano, escultura e prática social.



_objeto
2025
madeira, folha,
latão e fórmica
30 x 30 cm cada



_objeto

2025

madeira, folha e parafina

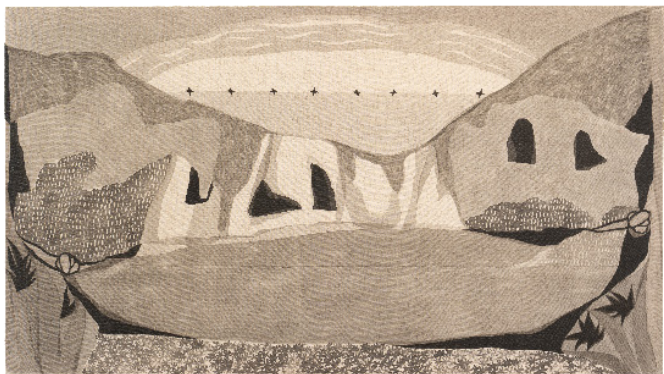
115 x 150 cm

gabriela stragliotto



[Caxias do Sul, RS, 1991]

Vive e trabalha no interior do Rio Grande do Sul. Sua prática se desenvolve principalmente através da pintura e do desenho, investigando a paisagem como linguagem e estrutura de pensamento. Em sua pesquisa, os territórios deixam de operar como representações de lugares específicos para tornarem-se campo de construção pictórica, no qual tensões entre ordem e instabilidade, repetição e irregularidade, permanência e transformação se manifestam continuamente. Utilizando sobretudo óleo e nanquim sobre linho e papel, desenvolve uma linguagem marcada pela sobreposição de camadas transparentes e opacas, pela repetição de gestos e pela construção de estruturas rítmicas que remetem aos ciclos naturais e à passagem do tempo. Em 2025, realizou *Pensamento-Paisagem* (Palacete dos Leões, Curitiba) e *Sol Azul dos Sonhos* (Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, Caxias do Sul), e recebeu o 8º Prêmio de Arte Contemporânea da Aliança Francesa, que resultou em residência em La Rochelle, França. Em seguida participou da residência JTHR, em Joshua Tree, Califórnia.



Core says Goodbye
2025
nanquim sobre linho
95 × 170 cm

giulia bianchi



[Bauru, SP, 1990]

Vive e trabalha em São Paulo. Seu trabalho desafia os limites entre natureza e cultura, sujeito e objeto, inspirado por uma visão animista do mundo natural na qual a natureza não existe como entidade independente, mas como uma rede de relações e percepções. A partir dessa perspectiva, Bianchi mergulha na subjetividade dos animais, frutos e plantas, construindo um campo sensível onde o olhar não é mais centrado no ser humano. Realizou residências na *Cité Internationale des Arts*, em Paris (2022–2023), e na *Paradiesli*, na Suíça (2024). Entre suas individuais estão *No limiar da imagem* (MAB FAAP, São Paulo, 2023), *Coisas mais próximas* (Massapê Projetos, São Paulo, 2019) e *Festim* (Museu de Arte de Blumenau, 2018). Em 2025, realizou quatro pinturas murais para o Sesc Casa Verde. Participou das coletivas *Céu azul escuro e noturno* (Lapa Lapa, São Paulo, 2026), *Sala de Jantar* (Galeria Marília Razuk, São Paulo, 2025) e *Ginga* (Le Consulat, Paris, 2024).



araticum

2026

óleo, bastão oleoso e
pastel seco sobre tela

180 × 99 cm

guá arquitetura



[Belém, PA, 2021]

Fundada em Belém, PA, em 2021, por Luís Guedes e Pablo do Vale, a Guá Arquitetura é um escritório de design e arquitetura com raízes amazônicas, reconhecido pela fusão entre inovação e ancestralidade. Eleita em 2024 e 2025 como um dos 50 escritórios de arquitetura mais influentes do Brasil pela Casa Vogue, destaca-se por suas pesquisas sobre habitação vernacular ribeirinha e saberes ancestrais. Seu trabalho esteve presente na Design Week Milão, na Galeria Rossana Orlandi (Milão), na DW-São Paulo, na SP-Arte, em eventos da ONU durante a Semana do Clima de Nova York e na Semana Criativa de Tiradentes. Em 2024, venceu o prêmio EDIDA, da Elle Decor, e o Design for a Better World. Voz ativa na divulgação do Pará em publicações como Casa Vogue Brasil, Bazaar Interiors e Living Itália, a Guá promove uma abordagem de dupla sustentabilidade, material e social, questionando paradigmas do mercado e criando caminhos para o empoderamento social por meio do design, da arquitetura, da expografia, da direção criativa e da curadoria.



Banco Guêra

2026

madeira certificada FSC e assento
de algodão impermeabilizado com
látex natural

manufatura Vedac + Da Tribu

30 x 30 x 30 cm



Casa Combu 01

2026

fotografia de Luís Guedes
impressão em papel Hahnemühle

Photo Luster 260 g/m²

80 × 40 cm, tiragem 1/5 + P.A.

henrique detomi



[Belo Horizonte, MG, 1988]

Vive e trabalha em São Paulo. Artista visual e pesquisador, é doutor em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes da Unicamp e mestre em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo. Sua prática utiliza a caminhada como método de imersão em territórios marcados por mineração, barragens ou monoculturas, desenvolvendo pinturas, desenhos, instalações, vídeos e ações coletivas que transformam a experiência do território em investigação artística. Indicado ao Prêmio PIPA e finalista do PIPA Online 2026, apresentou as individuais *No Corpo e Na Paisagem, o que Resta é o Pó* (Zipper Galeria, 2026), *Em pé na beira do abismo* (Galeria Periscópio, 2022), *SAGOMA* (Casa Fiat de Cultura, 2021) e *Estado Transitório* (BDMG Cultural, 2018). Participou de residências no Brasil e no exterior, entre elas a *Comunitária – Residência de Arte Contemporâneo y Procesos Sociales* (Argentina, 2025) e a *Red Bull Station* (2017). Sua pesquisa reflete sobre as relações entre ambiente, memória, paisagem e coexistência entre diferentes formas de vida.



Sem título
da série Minutos antes do fim
2022
óleo sobre madeira preparada
com gesso crê
22 x 21 cm



Sem título
da série Minutos antes do fim
2022
óleo sobre madeira preparada
com bolo armênio
15 x 23 cm

julia pereira



[São Paulo, SP, 1991]

Julia Pereira (São Paulo, SP, 1991) desenvolve sua pesquisa a partir da ambivalência da forma do gesto e das relações com o corpo, a matéria e a impermanência. Operando sua pintura a partir do chão — o que aproxima o trabalho da escala humana —, usa o traço como um instrumento sismógrafo, acumulando registros de rastros em campos densos e arteriais ao lado de áreas rarefeitas e venosas, abrindo reflexões sobre dualidades como corpo–paisagem, criação–destruição, presença–ausência, agonia–erotismo. Em pesquisas mais recentes, esse vocabulário ganha liquidez no vídeo e volume no tridimensional: tecido e resina capturam de forma irreversível o instante de uma queda, e o corpo, antes presente sobretudo como vestígio pictórico, assume presença física, tendo colapso e ascensão como novos eixos estruturantes. Bacharel em Artes Visuais e pós-graduada em História da Arte — Teoria e Crítica pelo Centro Universitário Belas Artes São Paulo (2018 e 2020), onde foi premiada como Melhor Aluna, estudou com Paulo Pasta no Instituto Tomie Ohtake. Entre suas individuais recentes estão *Rastro e Pulsão* (Zipper Galeria, São Paulo, 2025) e *New Paintings* (Luz_Air, Lisboa, 2025). Em 2026, é finalista do Prêmio GarimpoDasArtes e artista-residente na Belas Artes São Paulo.



para Mary Shelley
2026
óleo, cera e pastel
oleoso sobre algodão
24 x 30 cm



[acervo]

Fast Car

2024

óleo sobre tela

28 cm de diâmetro



[acervo]

Fatalistas

2025

óleo, bastão e pastel
oleosos sobre algodão

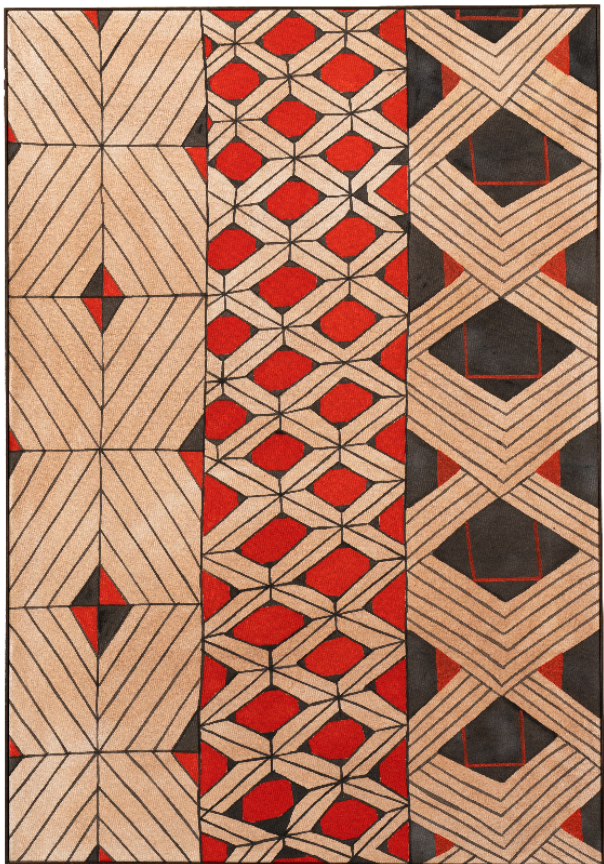
73 x 53 cm

kaya agari



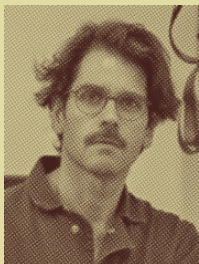
[Cuiabá, MT, 1986]

Artista visual e ativista pertencente ao povo Kurâ-Bakairi. Dedicou sua pesquisa visual aos grafismos e às ramificações materiais e imateriais da cultura de seu povo. Entre suas principais fontes de inspiração estão as pinturas corporais chamadas *kywenu*, ensinadas pelos mais velhos — das mulheres às meninas e dos homens aos meninos —, com repertório exclusivo para mulheres, homens e crianças; de caráter geometrizzante, esses desenhos determinam papéis sociais distintos a partir de suas diferenças entre si. Desde 2011, dedica-se à pintura em diversos formatos, da tela ao mural. Em 2015, organizou a exposição *Kurâ-Bakairi: Yakuigady e Kywenu*, no Museu de Arte de Mato Grosso, apresentando telas produzidas por mulheres e crianças da aldeia Bakairi, além de fotografias, pinturas e objetos de artistas de seu povo. Participou da mostra *¡Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas* (UFMG), com itinerâncias pela Bolívia, Equador e Peru, e da coletiva *Véxoa: Nós sabemos* (Pinacoteca de São Paulo). Em 2017, integrou o grupo de pesquisa Visual Virtual, iniciativa Kurâ-Bakairi.



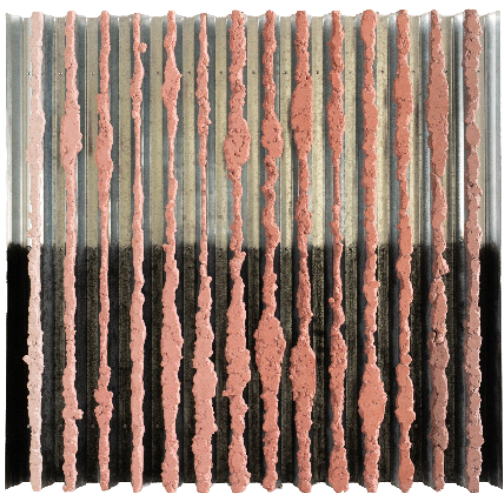
Tywigã, Menxu, Semimo
2024
acrílica, carvão e
barbatimão sobre tela
138 x 96 cm

lucas simões



[Catanduva, SP, 1980]

Vive e trabalha em São Paulo. Artista visual com formação em arquitetura, investiga a interação entre matéria e materialidade como forma de linguagem. Fundamentada em pesquisa teórica, sua prática gira em torno de instalações espaciais de grande escala, nas quais a experiência do espaço se torna parte integrante da percepção da obra, aliando precisão técnica a uma exploração poética. Realizou individuais no MAMAM, em Recife, na Caixa Cultural, em São Paulo e no Rio de Janeiro, e no Pivô Arte e Pesquisa. Integrou coletivas na Hauser & Wirth (Los Angeles), na 10ª Bienal do Mercosul, no Astrup Fearnley Museum (Oslo), na Zacheta National Gallery (Varsóvia) e no CAAC (Sevilha). Sua obra integra coleções como Itaú Cultural, MAR-RJ, MAC-USP e Blanton Museum (Austin). Ao explorar as falhas da modernidade e suas repercussões, seu trabalho estabelece um diálogo entre a materialidade, o ambiente construído e seus habitantes, revelando a fragilidade subjacente a sistemas aparentemente rígidos.



BABADO (n.5)
2025
aço carbono e
concreto pigmentado
100 × 100 × 14 cm

luiz martins



[Machacalis, MG, 1970]

Vive e trabalha entre o Brasil e a Europa. Artista multimídia graduado em Artes Visuais pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, desenvolve obras em escultura, pintura, instalação, videoarte e performance.

Aos dezesseis anos, foi estudar em Teixeira de Freitas, na Bahia, onde começou a fazer pequenos desenhos ilustrativos.

Sua pesquisa é marcada por suas origens e por investigações de caráter arqueológico e antropológico, explorando ancestralidades e tradições culturais e abordando questões relacionadas à intolerância racial, cultural e étnica. Desde 2006, divide um ateliê em Viena com o artista venezuelano Gustavo Mendez. Em 2012, lançou o livro *Origens* (Edição do autor), com curadoria de Paulo Miyada, e, em 2020, *Elogio ao Silêncio* (Edição do autor), sobre seu processo de trabalho, organizado pelos professores Roberto Bertani e Isabel Silveira. É representado pela Galeria Base, em São Paulo.



Pedras de Exu
2026
desenho sobre folha
de dicionário
composição de 4 peças
de 37 x 17,5 x 5 cm

mano penalva



[Salvador, BA, 1987]

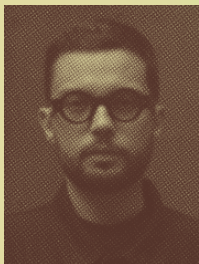
Vive e trabalha em São Paulo. Sua produção parte do deslocamento de objetos de seus contextos cotidianos e de seu interesse pela antropologia e pela cultura material. Por meio de escultura, instalação, pintura, fotografia e vídeo, investiga modos de circulação, uso e atribuição de valor aos objetos, criando novos agrupamentos estéticos a partir de estratégias do comércio popular, da coleta de histórias e da observação das relações entre a casa e a rua, o público e o privado. Bacharel em Comunicação Social pela PUC-Rio, frequentou cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e é idealizador do Massapê Projetos. Participou de residências como Casa Wabi (México, 2021), Fountainhead (Miami, 2020) e AnnexB (Nova York, 2018). Sua obra integra as coleções da CIFO (Miami), da Colección Isabel y Agustín Coppel (Cidade do México), da Frédéric de Goldschmidt Collection (Bruxelas), do MON (Curitiba) e do MAR (Rio de Janeiro).



foto IVAN PADOVANI

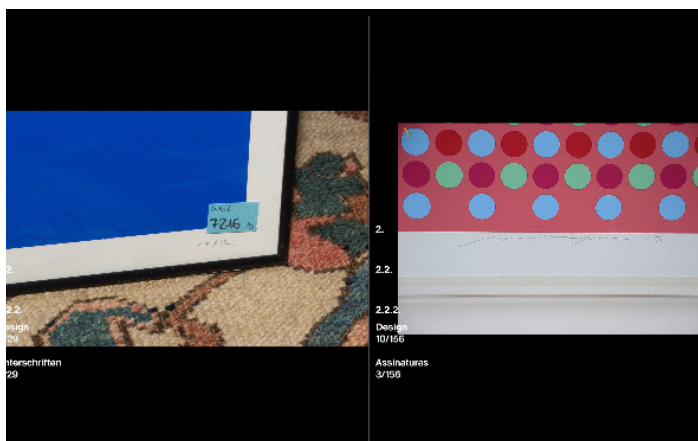
A benção
2016
cadeira, palhinha
e palha-da-costa
100 × 150 × 60 cm

matheus leston



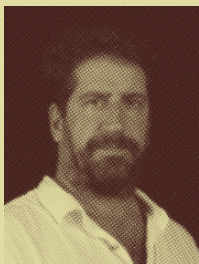
[São Paulo, SP, 1986]

Vive e trabalha em São Paulo. Artista, músico e desenvolvedor que usa a tecnologia para explorar a relação entre som e imagem, que muitas vezes é de atrito. Em seu trabalho, a programação não é apenas uma ferramenta, é também linguagem: o código não serve apenas para executar uma ideia pronta, mas para construir um sistema e observar o que se constrói a partir dele. A materialidade, a forma final e a experiência do público são assuntos centrais de sua pesquisa, seja investigando como a luz se propaga no espaço ou como o som impacta nossos corpos. Com o projeto Orquestra Vermelha, banda formada em 2013 por sombras de músicos que não estão no palco, apresentou-se nos principais festivais de novas mídias no Brasil e na Europa. Criou também os projetos Moiré, Menos e Ré, que discutem a experiência de música ao vivo, um de seus maiores interesses. Formado em Letras, expôs seus projetos audiovisuais em mostras como Museum of The Future (Museum für Gestaltung Zürich), Luz Æterna (CCBB), Caos e Efeito (Itaú Cultural) e Periscópio (Zipper). Por meio de seu estúdio, desenvolve projetos comissionados de instalações interativas, design generativo e espaços imersivos, com criações para marcas como Google, Hermès e Melissa e para artistas como Fernando Velazquez, The Force e Hick Duarte.



PARALAXE
2025
vídeo
10'42"

mauricio adinolfi



[Santos, SP, 1978]

Vive e trabalha entre São Paulo e Santos. Graduado em Filosofia, é doutor em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp, com intercâmbio no Instituto Politécnico do Porto, em Portugal. Sua prática artística desenvolveu-se a partir da experiência com a construção naval e as comunidades litorâneas em diferentes contextos. Abordando situações críticas decorrentes das transformações sociais, fez da pintura e do uso da madeira o mote para a aproximação com outros profissionais, a viabilização de trabalhos colaborativos e de intervenções em diversas regiões do Brasil e do exterior.

Em 2014, ganhou o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea. Entre suas exposições destacam-se a instalação *Caronte Sete Voltas* (Beco do Pinto, Museu da Cidade, São Paulo, 2021) e *Cavername* (Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, 2019). Suas obras integram coleções institucionais como o Museu de Arte do Rio (MAR) e a Coleção da Cidade, no Centro Cultural São Paulo (CCSP).



caronte – monte cabrão
2023
vídeo
05'43"

mauricio parra



[São Paulo, SP, 1976]

Vive e trabalha em São Paulo. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Unitau, utiliza as técnicas da pintura a óleo, da aquarela e da gravura em metal para representar o universo de interesse de seu olhar. Frequentou o ateliê de Rubens Matuck, com quem aprendeu sobre suportes, pintura a óleo e aquarela, o ateliê de gravura do Museu Lasar Segall e o ateliê do mestre impressor Roberto Grassmann. Participa de exposições e salões dentro e fora do Brasil desde 2006. Recebeu prêmio especial na 3ª Bienal Nacional de Gravura de Atibaia (2007) e menção honrosa no International Small Engraving Salon, na Romênia (2009). Realizou residências em Gludsted, na Dinamarca (2013), e em Marianowo, na Polônia (2015).

Entre suas exposições recentes estão *A Ausência está no Corpo* (Paço das Artes, 2024), *As vidas da Natureza Morta* (Museu Afro Brasil, 2024), a individual *Quintal* (Projeto Fidalga, 2024) e *Meu Quintal É Maior que o Mundo* (Casa Triângulo, 2025).



Quintal n.55

2023

folha de ouro, bolo armênio
e óleo sobre madeira

16,5 x 15,5 cm



Quintal n.61
2021
óleo sobre madeira
14,5 × 20 cm



Quintal n.63
2024
óleo sobre madeira
12,5 x 16 cm



Quintal n.65
2024
óleo sobre madeira
12 x 16 cm



Quintal n.67
2025
bolo armênio e óleo
sobre madeira
24 × 18,5 cm

nara guichon



[Santa Maria, RS, 1955]

Vive e trabalha, desde 1983, em Florianópolis. Artista têxtil, designer e ambientalista, sua atividade está alicerçada em três eixos: práticas manuais com fios, a exemplo do tricô, do crochê, do bordado e do tear, valorizando saberes artesanais; reaproveitamento e sustentabilidade, promovendo o consumo ético e consciente; e respeito ao meio ambiente, participando de atividades de recuperação da Mata Atlântica, no Brasil, bem como desenvolvendo trabalhos artísticos que evocam esse mesmo bioma. Com contínua e reconhecida trajetória como tecelã, concebeu e desenvolveu, entre 1975 e 2015, um vigoroso trabalho nas áreas de design e moda sustentáveis, que lhe rendeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Desde 2017, tem se voltado exclusiva e silenciosamente à produção artística. Indicada ao Prêmio PIPA 2024, foi uma das artistas premiadas naquela edição e integra a Coleção do Instituto PIPA.



Espiral Botânica

2025

reuso de redes de pesca,
descartes da indústria da moda,
tintura de cascas de cebola, tricô
manual e enrolamento de fios
235 x 30 cm

oksana rudko



[Khakassia, Rússia, 1986]

Vive e trabalha em São Paulo. Artista sonora, sua prática transita entre instalação, imagem em movimento e tradução algorítmica. Seu trabalho parte da gravação de campo como método de escuta atenta, por meio do qual investiga como o som medeia experiências de migração, mudanças ecológicas e memórias mais que humanas. A partir de processos que traduzem o som entre diferentes mídias, constrói obras em que o material acústico é deslocado, reconfigurado e reintroduzido em novos contextos espaciais e culturais. Seu trabalho foi apresentado no Museu de Arte Moderna de Moscou (MMOMA), no Winzavod Center for Contemporary Art, na The Wrong Biennale e na Bienal SACO, além de plataformas como a NTS Radio. Em 2024, recebeu o Sound of the Year Award, do Radiophonic Institute (Reino Unido), pela obra *Whisper of the Stars*, apresentada como instalação no histórico Píer de Antofagasta, no Chile. Participou das residências Silo – Arte e Latitude Rural (Brasil) e Salzburg International Summer Academy of Fine Arts. Nascida na Sibéria, viveu em São Petersburgo e Moscou antes de se mudar para o Brasil, em 2022.



A Rotina da Catástrofe
2026
Vídeo
08'30''



A Rotina da Catástrofe

2026

série de trabalhos gráficos;
impressão fine art em papel
Hahnemühle Photo Rag
Baryta 315 g, 100% algodão
60 × 60 cm, edição 1 + 2 P.A.



A Rotina da Catástrofe

2026

série de trabalhos gráficos;
impressão fine art em papel
Hahnemühle Photo Rag
Baryta 315 g, 100% algodão
60 × 60 cm, edição 1 + 2 P.A.



A Rotina da Catástrofe

2026

série de trabalhos gráficos;
impressão fine art em papel
Hahnemühle Photo Rag
Baryta 315 g, 100% algodão
42 × 60 cm, edição 1 + 2 P.A.



A Rotina da Catástrofe

2026

série de trabalhos gráficos;
impressão fine art em papel
Hahnemühle Photo Rag
Baryta 315 g, 100% algodão
42 x 60 cm, edição 1 + 2 P.A.

rafael vieira



[Piracicaba, SP, 1989]

Vive e trabalha em Itu, para onde se mudou aos dois anos de idade. Criado por mulheres negras em uma cidade do interior, encontrou na simplicidade da vida cotidiana, nas relações familiares e nos desafios de sua comunidade as primeiras referências de sua pesquisa artística. Autodidata, iniciou sua trajetória em 2019, dedicando-se ao estudo da pintura a óleo, das técnicas clássicas e contemporâneas e do muralismo. Sua prática pictórica investiga a presença como elemento central, partindo da memória individual para refletir sobre o que ela revela de uma memória coletiva: retratos, gestos, paisagens e elementos do cotidiano evocam presenças que permanecem nos espaços, mesmo quando os corpos já não estão ali. Em *Viveiro* (2024), sua primeira individual, explorou as relações entre cuidado, liberdade e restrição. Atualmente investiga os costumes, gestos e tradições que permanecem vivos no cotidiano de Itu, com atenção às presenças negras e às contribuições de sua comunidade para a formação cultural da cidade.



coreografias de cuidado 1
2026
óleo sobre painel
25 x 25 cm



coreografias de cuidado 6
2026
óleo sobre painel
30 x 30 cm



coreografias de cuidado 8
2026
óleo sobre painel
30 x 30 cm

tiago sant'ana



[Santo Antônio de Jesus, BA, 1990]

Vive e trabalha em Salvador. Artista visual, curador e doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia, seus trabalhos lidam com processos de fabulação e produção da história e da memória, sobretudo aquelas vinculadas às narrativas em torno das identidades afro-diaspóricas. Sant'Ana une um apreço por uma investigação estética apurada em diferentes linguagens artísticas — como a fotografia, o vídeo e a pintura — com um exercício mais conceitual, especulativo e político. Foi premiado com a Bolsa de Fotografia ZUM do Instituto Moreira Salles (2021), laureado com o Soros Arts Fellowship (2020), vencedor do Prêmio Foco ArtRio (2019) e um dos indicados ao Prêmio PIPA (2018, 2023). Participou de exposições como *Histórias brasileiras* (2022) e *Histórias afro-atlânticas* (2018), no MASP, *Enciclopédia negra* (2021), na Pinacoteca de São Paulo, e *Um defeito de cor* (2022), no Museu de Arte do Rio. Suas obras fazem parte de acervos como os do MASP — Museu de Arte de São Paulo, Denver Art Museum, Pinacoteca de São Paulo, Museu de Arte do Rio, Museu de Arte Moderna da Bahia e Instituto Moreira Salles.



Açúcar sobre capela
2018
Vídeo
07'03"

LAB^M_R

EDIFÍCIO ITÁLIA
AV. IPIRANGA, 344
CONJ. 311B – 31º ANDAR

LABMR.COM.BR
@LAB__MR